

# **A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA LT JOINVILLE - SÃO FRANCISCO DO SUL: A PRODUÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS**

HERBERTS, Ana Lucia; COMERLATO, Fabiana  
Scientia Ambiental; PPGH/PUCRS  
[analh@terra.com.br](mailto:analh@terra.com.br); [fabic@matrix.com.br](mailto:fabic@matrix.com.br)

Palavras-chave: Educação Patrimonial, material educativo, arqueologia regional

## **Introdução**

A legislação vigente<sup>1</sup> prevê em seus dispositivos a realização de ações com fins científicos, culturais e educativos, inclusive nos trabalhos de licenciamentos arqueológicos de contrato, como, por exemplo, na etapa de implantação dos Programas Básicos Ambientais – PBAs para obtenção da Licença de Instalação – LI. Dentro destas exigências, foi planejado e executado o “Sub-Projeto de Educação Patrimonial” do “Projeto de Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão de 230 kv Joinville – São Francisco do Sul, SC (Circuitos I e II)” (Herberts, 2002).

Este artigo, além de trazer um pequeno histórico deste subprojeto, tem como objetivo discutir os pressupostos teóricos que nortearam a confecção dos materiais educativos do referido subprojeto.

## **O Subprojeto de Educação Patrimonial**

O “Subprojeto de Educação Patrimonial” caracterizou-se por ser uma proposta de curta duração (6 meses), adequando-se ao cronograma físico-financeiro do projeto, abrangendo três municípios situados no litoral norte do Estado de Santa Catarina. Foi desenvolvido pela Scientia Ambiental S/C Ltda entre o segundo semestre de 2002 e o primeiro de 2003.

As ações educativas e informativas desenvolvidas junto às comunidades dos municípios abrangidos pela Linha de Transmissão (Joinville, Araquari e São Francisco do Sul) buscaram sensibilizá-las sobre a importância da preservação do patrimônio arqueológico. O público-alvo deste projeto foram os professores e alunos destes municípios. Neste sentido, foram realizadas várias atividades, tais como “Oficinas de Introdução à Arqueologia” para professores e apresentações artísticas temáticas dirigidas às crianças, atingindo os objetivos previstos no subprojeto e culminando com a elaboração de duas publicações educativas - um “gibi” para crianças e um caderno pedagógico para os professores, financiados pela Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil S.A. - Eletrosul.

As oficinas envolveram em torno de 150 professores da rede escolar pública com uma carga horária de oito horas/aula, divididas em dois módulos: aula teórica introdutória ao tema e atividades práticas com visitas ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville e aos sítios arqueológicos da região<sup>2</sup>. As oficinas foram dirigidas aos professores, não apenas como um treinamento, mas como um espaço onde pudesse existir a troca de experiências entre os participantes, a sensibilização da importância do conteúdo e a vivência junto ao patrimônio arqueológico.

As apresentações temáticas, intituladas de “Projeto Casa Aberta em Defesa do Patrimônio Arqueológico” (PCADPA), foram uma adaptação do “Projeto Casa Aberta Itinerante” (PCAI), já desenvolvido pela Eletrosul, envolvido com a temática meio ambiente e combate ao desperdício de energia elétrica. O PCADPA, por outro lado, teve uma abordagem educativa e criativa, em prol da efetivação da importância de preservar o patrimônio arqueológico pelas crianças. Neste sentido, foi realizada uma parceria entre o Departamento de Patrimônio e Meio Ambiente – DPM e a Assessoria de Relações Empresariais – ARE da Eletrosul e Scientia Ambiental para a realização do PCADPA. As apresentações atenderam 15 escolas e, aproximadamente, 1.900 crianças nos três municípios.

### **Os pressupostos teóricos para a construção do material educativo**

Os materiais educativos são importantes porque fogem do livro didático, muitas vezes visto como “tábua de salvação” pelos professores, que tentam desenvolver seus projetos pedagógicos sem recursos e condições de trabalho. A proposta curricular de Santa Catarina reforça a necessidade de utilizarmos outros gêneros de discurso, tais como: mitos, contos, poemas, quadrinhos, cartas, jornais, leis etc...(Santa Catarina, 1998: 69-78).

Desta maneira, os materiais educativos do sub-projeto supra-citado foram um gibi intitulado “Arqueologia: Uma viagem ao passado” e um caderno pedagógico chamado “Patrimônio Arqueológico: para conhecer e conservar. Material didático para professores dos municípios de Araquari, Joinville e São Francisco do Sul”, ambos com enfoque na arqueologia regional.

O gibi foi criado para o público infantil, com faixa etária entre os sete e os onze anos. O material é composto de uma história em quadrinhos, informações complementares e atividades lúdicas. O enredo da história é uma aventura vivida pelos personagens, uma arqueóloga e um físico, para conhecer os diferentes sítios arqueológicos no litoral norte catarinense, tendo como cenários: museus, paisagens, trilhas e os próprios sítios arqueológicos.

O outro livro, intitulado “ Patrimônio Arqueológico: para conhecer e conservar”, é um caderno pedagógico elaborado para professores dos municípios abrangidos pelo empreendimento, contendo informações e ilustrações sobre a arqueologia regional, com subsídios para a prática em sala de aula.

Estes materiais educativos foram pensados para serem objeto de questionamento e curiosidade para o leitor e, mais do que isto, podem ser instrumentos para a construção de saberes históricos. Portanto, o gibi e o caderno pedagógico não são apenas meios de divulgação; os conhecimentos foram organizados e selecionados para serem percebidos de maneira crítica e ativa. Esta construção, que envolveu pesquisa e reflexão, também é sugerida aos professores e alunos. Como nos coloca Paulo Freire (1996: 47), (...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O professor e o aluno deixam de ser passivos: “Nessa dimensão, na busca de superar o ensino de História enquanto simples repasse de informações, entendemos que o conhecimento histórico é uma construção de vários sujeitos” (Santa Catarina, 1998: 161).

Os pressupostos teóricos, ponto de reflexão para a confecção dos materiais educativos, foram os seguintes:

**Os conceitos e terminologias.** O estudo da arqueologia requer a entrada em um mundo cheio de conceitos, metodologias e teorias muitas vezes de alcance

muito restrito. Partindo da realidade que no Brasil a difusão do conhecimento arqueológico aparece muito timidamente nos livros didáticos e poucos são os livros sobre arqueologia brasileira para o público escolar, torna-se primordial trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos. Deste modo, podemos desenvolver a construção de novos conceitos ancorados naqueles que o aluno já domina e conhece, como sugere Carretero (1997: 33). O próprio conceito de pré-história pode ser o eixo para uma ampla discussão dos ditos “povos sem história”. A substituição deste termo por pré-colonial, pré-cabralino ou pré-colombiano não foram suficientemente apropriados, continuando-se a utilização do referencial eurocêntrico. A comum confusão dos alunos em relacionar a paleontologia ao estudo do arqueólogo, por exemplo, pode ser um importante eixo para iniciar uma discussão sobre o tema.

Os conceitos foram apresentados indiretamente no gibi e, já no primeiro módulo do caderno pedagógico, o professor tem o contato com os jargões arqueológicos.

**A atribuição de significância.** Outra dificuldade é tratar o passado como um período morto. O professor deve trabalhar a relação do passado com o presente, compreendendo-o; isto “(...) supõe tanto a volta à memória quanto a construção de vínculos significativos entre o lembrado e o presente” (FREIXO, 1999: 67). Não devemos assimilar os conteúdos de forma acrítica, mas provocar a apropriação de informações, a construção de conhecimentos e de uma relação significativa com o passado.

Os materiais didáticos (gibi e caderno) reforçam esta questão, pela ênfase nos sítios arqueológicos regionais e pela sugestão de atividades educativas, que podem criar vínculos de pertencimento (Tocchetto & Reis, 2000: 62).

**A questão temporal.** A noção de tempo no ensino de história é um dos focos centrais da prática docente. No caso específico do ensino de pré-história, trabalhamos com um período de longa duração. Já encontramos a primeira dificuldade: fazer com que os alunos entendam a duração dos processos históricos em uma escala de tempo mais ampla.

A linguagem mais apropriada para fazer referência aos diferentes momentos na pré-história brasileira deve ser a partir do uso das datas “A.P.” (antes do Presente). Esta maneira de datar os períodos foge da referência bíblica, tomando como ponto de partida o nascimento de Cristo. Porém, aí esbarramos com a abstração destes termos e a noção de tempo dos alunos. Uma outra possibilidade para trabalhar com os alunos das séries iniciais é contar o tempo na pré-história através das gerações, uma noção de tempo que lhes é mais cotidiana.

Outro desafio é expor o tempo enquanto conceito cultural, extrapolando a visão positivista da História, na qual percebe o tempo como algo linear, uniforme e evolutivo. Como perceber que existem ao mesmo tempo diferentes modos de vida em diversas sociedades atualmente?

**A diversidade cultural.** Uma abordagem corrente pelos livros didáticos é a homogeneização das populações pré-históricas, todos são vistos como “índios”. Como pensar os Tupi no Brasil como um todo uniforme, desconsiderando as diferenças culturais dentro de um grupo lingüístico? O professor deve estar atento à importância destas problemáticas; a diversidade cultural é um tema transversal que atravessa a história brasileira ontem e hoje.

Torna-se cada vez mais insustentável a utilização de conceitos como primitivo, incivilizado, modo de vida simples, que durante muito tempo foram as formas

de diminuir, homogeneizar e desvalorizar populações inteiras ao longo da história para que a modernidade pudesse assim florescer.

A própria construção da arqueologia no Brasil foi feita a partir de modelos explicativos europeus e, mais recentemente, norte-americanos. A arqueologia brasileira acabou por “(...) acompanhar o confronto do brasileiro com um passado pouco conhecido, que traduz as diversas formas de identificação ou rejeição das raízes indígenas por parte da sociedade nacional, e que nem sempre corresponde a ideais de uma (pré)história nacional” (Barreto, 1999-2000: 33).

**Os recortes cronológicos.** Como a história não é linear e nem apresenta uma mesma trajetória global, deve-se adotar a divisão de períodos, respeitando a área geográfica. Os termos Paleolítico, Calcolítico e Neolítico podem ser adotados na Europa e África, porém não são bons marcadores cronológicos para a América. As cronologias podem ser baseadas em aspectos tecnológicos (lítico, cerâmico, cobre, ferro, bronze) ou em sistemas sociais (bando, tribo, aldeia, cacicado, império). No Brasil, o PRONAPA utilizou-se de divisões como tradição, subtradição e fase, sendo até hoje adotada pela maioria dos arqueólogos brasileiros<sup>3</sup>. Em séries iniciais, parece insensato apresentarmos aos alunos tabelas tipológicas com cronologias extensas. É preferível mostrar as diferenças e permanências culturais ao longo do tempo, explorando as diferentes formas que os homens e mulheres conviveram.

A diversidade do patrimônio arqueológico foi o eixo principal dos materiais educativos, ficando em segundo plano a questão temporal. No gibi, o importante está na noção presente/passado/presente<sup>4</sup> e na seqüência de grupos humanos que viveram no litoral norte, sem mencionar cronologias e datas. No caderno pedagógico, todo um módulo foi dedicado aos tipos de sítios, com um recorte cronológico bastante amplo e indicações das principais datações da região.

**O recurso visual.** A imagem, como recurso didático, é de extrema importância para a concretização do trabalho junto aos educandos. Quando o professor utiliza somente dados escritos para contar uma história, isto exigirá uma boa capacidade de abstração por parte dos alunos. Porém, quando se trabalha com série iniciais, os alunos terão maior dificuldade, necessitando muito mais de elementos gráficos. Um dos problemas está, tanto nos materiais educativos, quanto nas publicações dos arqueólogos. Muitas vezes, as imagens são o resultado das reconstituições sem suporte científico ou reforçam ainda mais os preconceitos existentes. O professor poderá utilizar as reconstruções hipotéticas, sejam elas virtuais ou não, porém sempre tendo como referência que outras podem ser feitas e revistas (Santacana & Hernández, 1999: 125-136).

A questão da linguagem visual está diretamente vinculada à produção de gibis ou histórias em quadrinhos<sup>5</sup>. Os quadrinhos têm uma estrutura narrativa com o desenvolvimento das ações dos personagens, o enredo, o tempo e o espaço; integrados em uma linguagem escrita e visual (FOGAÇA, 2002/2003: 124).

Os diálogos dos quadrinhos, que foram produzidos pelas autoras, apresentam-se como linguagem falada com a inserção de breves explicações sobre os diferentes tipos de sítios arqueológicos e dos procedimentos da arqueologia. A linguagem visual foi elaborada pelo ilustrador. Este profissional é responsável pelos: planos, ângulos de visão, cores, forma dos balões e outros elementos estéticos, que dão ‘vida a história’. O contexto nas cenas foi mais detalhado e

todo o processo de criação de quadros foi discutido entre as autoras da história e o ilustrador.

As vantagens dos gibis estão na maior possibilidade de serem relidos e no seu aspecto lúdico, ajudando no crescimento mental da criança e no desenvolvimento de habilidade e competências (Fogaça, 2002/2003: 125-129).

**O espaço.** Como coloca a Proposta Curricular de Santa Catarina, o espaço é uma categoria, tão importante quanto à noção de tempo. Nos materiais educativos, os cenários - que oferecem os contextos das diferentes sociedades - foram representados em plantas e reconstituições gráficas. Portanto, a paisagem pode ser percebida como fruto dos processos sociais (Santa Catarina, 1998: 161). No caso das histórias em quadrinhos, os cenários não são um 'pano de fundo', eles são a representação do mundo "(...) através da reconstituição de lugares históricos, de edificações, ou monumentos de valor simbólico, ou mesmo lugares comuns, como subúrbios, bairros, ruas tranquilas, em que se estabelece uma ponte entre o universo da ficção e o nosso universo real" (Fogaça, 2002/2003: 128).

**A valorização do patrimônio cultural.** Em que medida podemos garantir a preservação de aproximadamente 14.000<sup>6</sup> sítios arqueológicos em um país continental com as atuais condições sócio-econômicas? A alternativa é fazer com que alunos, professores e, por extensão, a comunidade, considerem este patrimônio como parte de sua história e atribuam significados afetivos e culturais a estes "lugares de memória". Neste processo de aproximar as comunidades ao patrimônio arqueológico é imprescindível desvincular estes bens das concepções de tesouro e relíquias e dos adjetivos valioso e precioso. Os sítios arqueológicos são importantes por seu valor cultural, devemos desconstruir a imagem desses locais como depositários de tesouros perdidos. No que se refere à questão do patrimônio cultural, foi introduzido no gibi um pequeno guia de conduta em áreas arqueológicas e no caderno didático foi dedicado quase todo um módulo para a questão da preservação dos sítios arqueológicos.

**As metodologias de ensino.** As atividades que desenvolvam os conhecimentos arqueológicos no ensino de História podem ocorrer tanto dentro como fora da sala de aula. Uma forma de trabalho com a temática arqueológica é através de oficinas<sup>7</sup>. A atividade prática possibilita maior interação, desenvolvimento e reflexão sobre o tema proposto, e, principalmente, a construção do conhecimento por parte do aluno. O caderno pedagógico apresenta cinco oficinas; uma sugestão interessante é a construção de "mini-sítios arqueológicos" (caixas de madeira ou outro material do tamanho de uma quadrícula arqueológica com fragmentos de objetos modernos enterrados), onde os alunos poderão vivenciar o trabalho de um arqueólogo.

## **Resultados**

A confecção dos materiais educativos do sub-projeto de educação patrimonial resultou em uma ampla divulgação das atividades patrimoniais e na inserção destes recursos dentro e fora da sala de aula.

O gibi teve uma tiragem de 6.000 exemplares, distribuídos a todas as crianças que participaram da apresentação do PCADPA, aos professores participantes das oficinas, às bibliotecas das escolas da rede municipal, estadual e privada dos três municípios e às instituições culturais, como bibliotecas públicas, museus, casas de cultura. Além destes, foram repassadas cotas especiais para

instituições, com a finalidade de contribuir para programas educativos ou ações informativas voltadas ao patrimônio arqueológico, a saber: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ (2.000), Escritório Regional do IPHAN em São Francisco do Sul (500), Museu Universitário / UFSC (100) e 11ª SR do IPHAN (100).

No caso do caderno didático, a tiragem foi de 1.500 exemplares, destinados aos professores participantes das oficinas, às bibliotecas das escolas da rede municipal, estadual e privada dos três municípios e às instituições culturais, como bibliotecas públicas, museus, casas de cultura, da mesma forma que o outro material (gibi) foi distribuído. As cotas especiais foram distribuídas às mesmas instituições, porém em quantidade menor de exemplares.

Findo o sub-projeto, além da repercussão positiva nos municípios afetados pelo empreendimento, os materiais educativos foram bem aceitos na comunidade científica<sup>8</sup>. Não nos limitando apenas aos números da distribuição, o principal resultado está na utilização e apropriação crítica destes materiais educativos, que podem modificar ou influenciar novas práticas educativas relacionadas à temática da arqueologia regional.

### Referências Bibliográficas

BARRETO, Cristina. A Construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quartos ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRETERO, Mario. **Construir e Ensinar: As Ciências Sociais e a História**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ELETROSUL S/A. **Arqueologia: uma viagem ao passado**. Florianópolis, 2003.

ELETROSUL S/A. **Patrimônio Arqueológico: para conhecer e conservar. Material didático para professores dos municípios de Araquari, Joinville e São Francisco do Sul**. Florianópolis, 2003.

FOGAÇA, Adriana Galvão. Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes. **Revista PEC**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 123-131, jul. 2002-jul2003.

[http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista\\_PEC\\_2003/2003\\_contribuicao\\_hist\\_quadriinhos.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_contribuicao_hist_quadriinhos.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIXO, A. L. A Renovação no Campo da História: para a construção de novos referenciais teórico-metodológicos. In: **Cadernos de Estudos e Pesquisas**. Universidade Salgado de Oliveira. Ano III set./dez, 1999. N 6.

HERBERTS, Ana Lucia. **Subprojeto de Educação Patrimonial. Projeto de Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de**

**Transmissão de 230KV Joinville – São Francisco do Sul, SC.** Florianópolis, Scientia Ambiental S/A, nov. 2002. (digit)

PROUS, André. **Arqueología Brasileira.** Brasília: UnB, 1992.

SANTACANA, Joan & HERNÁNDEZ, Xavier. **Ensenanza de la arqueología y la prehistoria.** Lleida: Milenio, 1999.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Conteúdos de pré-história brasileira para o 1º, 2º e 3º graus. In: **Seminário para a Implantação da Temática Pré-História Brasileira no Ensino de 1º, 2º e 3º graus.** Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ/SESU/MEC, 1994, pp. 21-25.

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinho. **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação.** Campo Grande, set. 2001. <http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np16/NP16SILVA.pdf>

TOCCHETTO, Fernanda Bondim & REIS, José Alberione dos. Da cidadania e do pertencimento: lugares de atuação da arqueologia em educação patrimonial. **Revista do CEPA,** Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 31, p. 61-69, jan./jun. 2000.

---

<sup>1</sup> Portaria n. 07 de 01 de dezembro de 1998 e Portaria n. 230 de 17 de dezembro de 2002, ambas do IPHAN.

<sup>2</sup> Este segundo módulo foi organizado em parceria com o Setor de Educação do MASJ.

<sup>3</sup> O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas foi desenvolvido no país nos 60. Tradição seria um “grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal”, subtradição seria “variedades dentro de uma mesma tradição” e fase seria “qualquer complexo (conjunto de elementos culturais associados entre si) de cerâmica, líticos, padrões de habitação, etc., relacionados no tempo ou no espaço, em um ou mais sítios. (Prous, 1992: 111).

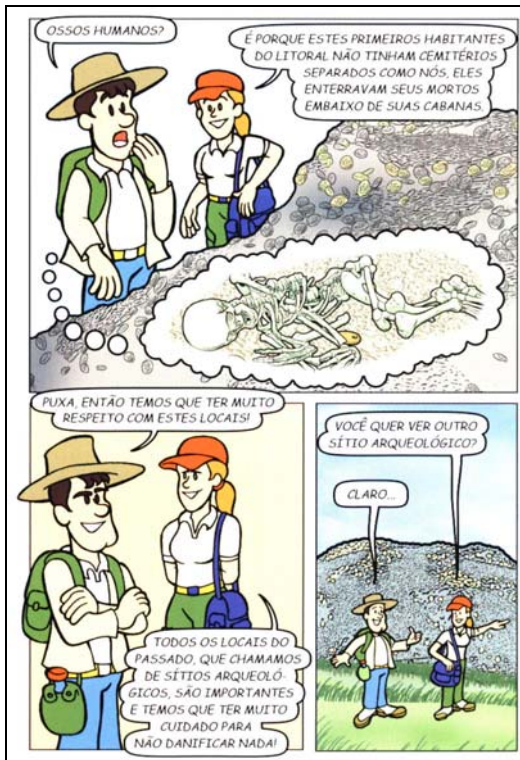
<sup>4</sup> Esta forma de investigação do presente/passado/presente é intitulada por Henri Lefebvre de Método Progressivo-Regressivo-Progressivo. (Santa Catarina, 1998: 160) A construção de relações entre o presente e o passado, além do estudo das representações são alguns dos eixos norteadores para a área de história nos PCNs. (BRASIL, 1998: 60-61).

<sup>5</sup> “História em quadrinhos é definida em geral como um tipo de linguagem que, utilizando-se da combinação de textos e desenhos, conta uma história” (Silva, 2001: 1).

<sup>6</sup> Este número contabiliza apenas os sítios registrados no Cadastro Nacional do IPHAN, calcula-se que este número seja 10% do total de sítios existentes no Brasil.

<sup>7</sup> Oficina: “(...) grupo de pessoas que geralmente, em um contexto lúdico aprendem, experimentam técnicas de um assunto determinado.” (Santacana & Hernández, 1999: 182).

<sup>8</sup> O material educativo teve ainda ampla divulgação com a distribuição do material educativo às instituições brasileiras e estrangeiras (Argentina, Uruguai, Uruguai, Chile, Peru, México, Espanha, Estados Unidos, Canadá, França), como universidades, centros de pesquisas e museus voltados a arqueologia.



**AÍ VÃO ALGUMAS SUGESTÕES DE LEITURA:**

- Os antigos habitantes do Brasil de Pedro P. A. Funari, Editora UNESP.
- Os primeiros habitantes do Brasil de Norberto L. Guarimello, Editora Atual.
- Pré-História de Antonio C. Oliveri, Editora Ática.
- Pré-história do Brasil de P. P. Funari e F. S. Noelli, Editora Contexto.
- Arqueologia de P. P. Funari, Editora Ática.
- Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro de Madu Gaspar, Jorge Zahar Editora.
- O encontro entre duas culturas de Maria Cristina M. Scatamachia, Atual Editora.

**COMO VOCÊ PODE AJUDAR A PRESERVAR OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS?**

- Não cave e nem mexa na terra, pois a pesquisa depende do estudo exato da posição dos restos arqueológicos.
- Além de não mexer na terra, não podemos remover ou alterar os objetos de um sítio arqueológico.
- Do sítio arqueológico leve como lembrança somente as fotos que você tirar.
- Se encontrar oficinas líticas polidas em pedras nas praias, ajude a conservá-las, não risque ou não suba neste local.
- Acampar ou fazer fogueiras na área do sítio pode destruir e alterar o sítio, o carvão que sobra de uma fogueira pode misturar-se com o carvão antigo, tornando impossível sabermos em que época foi construído o local.

**Vamos procurar as palavras correspondentes aos desenhos!**

Quais são os tipos de sítios arqueológicos encontrados no litoral norte de Santa Catarina?

D	S	O	P	I	B	S	S	D	B	A	W	D	P	O	T	S	U	B	D	A	S	B	A
O	F	I	C	I	N	A	L	I	T	I	C	A	D	E	P	O	L	I	M	E	N	T	O
V	O	B	G	D	A	M	B	V	G	B	T	O	K	C	B	Q	A	F	V	B	O	G	B
T	R	N	H	H	I	B	N	T	X	L	I	T	I	H	U	Y	L	I	T	L	R	X	L
H	T	M	J	L	P	A	M	H	J	M	G	E	V	O	Z	R	O	W	E	M	P	A	M
J	E	H	C	E	K	Q	H	J	C	H	U	I	E	R	C	H	K	U	I	T	O	C	H
J	J	S	Q	R	L	U	S	J	Q	S	Z	O	R	S	U	A	A	Q	J	S	R	I	S
U	F	F	S	I	T	I	O	C	E	R	A	M	I	C	O	O	R	E	U	R	T	E	R
Y	G	H	E	M	Z	F	H	Y	E	H	Y	Z	H	C	A	S	A	R	I	O	U	H	
S	T	J	U	D	U	I	G	R	E	J	A	S	B	J	G	G	J	E	S	J	T	E	J

Exemplos de páginas internas do gibi (p. 7, 10, 13 e 24).




PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: PARA CRIANÇAS E JUVENIS

## Patrimônio Arqueológico


Você já ouviu falar sobre patrimônio arqueológico?

Patrimônio é tudo aquilo que recebemos, que tem valor, como, por exemplo, uma herança de família. Existem vários tipos de patrimônio, como o imobiliário, o financeiro, o natural e o cultural, que inclui os bens arquitetônico, artístico, histórico e arqueológico.


O patrimônio arqueológico são os vestígios que os povos do passado deixaram de herança para nós, como os restos de suas casas, os objetos que produziram, os seus instrumentos de trabalho, os restos de sua alimentação, as suas armas, os seus enfeites, as suas pinturas, ou seja, tudo que podemos encontrar em um sítio arqueológico.




Cádmio do sepultamento nº 04, Sambaqui Espinheiros I, Joinville.



Zodlito com forma de cetáceo (baleia), Sambaqui Cubatãozinho, Joinville.



Material orgânico (sementes), Sítio Taçoara, Joinville.




Alça decorada, Sítio Foz do Cubatão, Joinville.


PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: PARA CRIANÇAS E JUVENIS

## Sambaqui Morro do Ouro: passado e presente.


O Sambaqui Morro do Ouro localizado em Joinville sofreu grande transformação devido a vários processos destrutivos. Foi alvo de pesquisas por Tiburtius, Beck e Goulart entre outros.




1968 ...




... 1971 ...




... 1971 ...



... 1971 ...



... fevereiro/2003.



... fevereiro/2003.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: PARA CRIANÇAS E JUVENIS

## Oficina lítica de polimento

Sítio formado por amoladores e hachas de polimento fixo, resultantes do desgaste na rocha para a confecção de artefatos polidos. São conjuntos de marcas e depressões, que aparecem na superfície de afloramentos rochosos de praias e na beira de rios e lagoas, provocadas pelo polimento de artefatos esfregando as pedras contra a rocha suporte. Os sulcos ou frisos na rocha são formados pelo atrito ao dar golpes aos instrumentos cortantes feitos em pedra.



Oficina lítica de Polimento, sítio Erasóia, São Francisco do Sul, Bacias e sulcos.



Oficina lítica de Polimento, sítio Erasóia, São Francisco do Sul. Detalhe dos sulcos.

Um dos objetos que precisaram de polimento eram as lâminas de machado polido. Para fazer um instrumento deste, eram necessárias várias etapas de produção:

- escolha e coleta de seixos;
- escolha do batedor para lascas o seixo;
- lascamento do seixo até chegar à forma desejada;
- polimento em rochas suporte com o auxílio de areia e água;
- acabamento com polido manual.



Ilustração da forma como era polido o seixo da lâmina de machado.



Ilustração da forma como era polida a face de uma lâmina de machado.

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: PARA CRIANÇAS E JUVENIS

## Atividade IV: Oficina de Cerâmica

Confeccionar varinhas de argila com a técnica dos roletes (acordelado) e do modelado (modelagem livre), de acordo com os desenhos.


Material necessário:

- ▶ Argila
- ▶ Água
- ▶ Palito de dente ou de sorvete
- ▶ Jornal velho
- ▶ Paninhos para alisar os roletes
- ▶ Tabuinhas para servirem de suportes para os objetos confeccionados (ou pratinhos de isopor)


A. Modelagem com roletes sobre-  
postos:

1. Rolete sendo preparado
2. Rolete sendo colocado
3. Junção do rolete
4. Alisamento das paredes do vaso


B. Modelagem com rolete contínuo.




1 - preparação do rolete



2 - colocação do rolete I






3 - colocação do rolete II



4 - alisamento da parede

Extraído: Borta, Manifestações Socio-Culturais Indígenas, MAC/USP, p. 16.

Arqueologia experimental, com a demonstração de técnicas de confecção e decoração da cerâmica, desenvolvida nas Oficinas de Educação Patrimonial (Herberts, 2003, p. 48 e 49)

Exemplos de páginas internas do caderno dos professores (p. 04, 18, 20 e 42).



! Visita ao Parque Caieira, caracterizado por sítio arqueológico pré-histórico (sambaquis e oficinas líticas) e histórico (caieiras), Joinville.



! Palestra e atividades práticas realizadas sobre educação patrimonial pelo Setor de Educação do MASJ.



! Atividade prática educativa a partir das observações realizadas no sítio, São Francisco do Sul.



! Visita guiada ao Sambaqui Rio Comprido, Joinville.